

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE
WARD

*Será a linha
entre amor
e ódio assim
tão tênue?*

BEM
te quero,
MAL
me queres

TOP
SEL
LER

Capítulo Um

Quase era atropelada enquanto avançava, como que a levitar pela rua fora, chocada, depois de sair do gabinete do advogado. Ao longo de todos estes anos, esforcei-me tanto por não pensar nele. Mas já não conseguia pensar noutra coisa.

No Justin.

Oh, meu Deus.

O Justin.

Imagens dele invadiam-me a mente: o seu cabelo louro-escuro, o seu riso, a forma como dedilhava a guitarra, a tristeza e a desilusão tão profundas nos seus olhos da última vez que o vi, nove anos antes.

Não esperava voltar a enfrentá-lo, quanto mais partilhar uma casa com ele. Viver com o Justin Banks não era uma opção, mesmo que fosse apenas durante o verão. Bem, o mais provável era que o Justin Banks se recusasse terminantemente a partilhar uma casa *comigo*. Mas, quer o quiséssemos quer não, a casa de praia em Newport tinha passado a ser nossa. Nem minha, nem dele. *Nossa*. Metade-metade.

Que raio terá passado pela cabeça da Nana?

Eu sempre soube que ela gostava muito dele, mas nunca poderia ter previsto a dimensão da sua generosidade. Ele nem sequer era da família, embora ela o tenha sempre visto como um neto.

Peguei no telemóvel e procurei o nome da Tracy. Quando ela atendeu, deixei escapar um suspiro de alívio.

— Onde estás? — perguntei-lhe.

— Em East Side. Porquê?

— Podemos encontrar-nos? Preciso mesmo de falar com alguém.

— Estás bem?

A minha mente ficou em branco, mas logo se ocupou com pensamentos fragmentados sobre o Justin. Sentia o peito apertado. Ele detestava-me. Eu tinha-o evitado durante muito tempo, mas agora ia mesmo ter de o encarar.

A voz da Tracy acordou-me do meu devaneio.

— Amelia? Ainda aí estás?

— Sim. Está tudo bem. Hã... Onde é que disseste que estavas?

— Vai ter comigo àquele sítio que vende faláfel, na Thayer Street. Jantamos cedo e falamos do que quer que esteja a passar-se.

— Está bem. Chego daqui a dez minutos.

A Tracy era uma amiga relativamente recente, pelo que sabia pouco da minha infância ou da minha adolescência. Ambas dávamos aulas numa escola local, em Providence. Eu tinha tirado o dia para me reunir com o advogado da minha avó.

O cheiro a cominhos e hortelã seca saturava o ar dentro do restaurante de comida do Médio Oriente. A Tracy, sentada numa mesa a um canto, acenou-me, já com uma caixa de plástico cheia de kebabs de frango e arroz cobertos de pasta de sésamo.

— Não vais pedir nada? — perguntou-me com a boca cheia. Tinha um pinga de molho de iogurte a sujar-lhe a boca.

— Não. Não tenho fome. Se calhar depois levo qualquer coisa quando sairmos. Só precisava de falar.

— Mas que raio se passa?

Sentia a garganta ressequida.

— Na verdade, primeiro preciso de beber qualquer coisa. Espera. — Tive a sensação de que o espaço oscilava enquanto ia até ao frigorífico junto à caixa registadora. Depois de comprar uma garrafa de água, sentei-me e expirei sonoramente. — O advogado com quem reuni hoje deu-me uma notícia mesmo louca.

— OK...

— Então, obviamente sabes que fui lá porque a minha avó faleceu há um mês...

— Sim.

— Bem, era só uma reunião com o advogado para passar em revista o testamento dela. Descobri que me deixou as joias todas... e metade da casa de verão de Aquidneck Island.

— O quê? Aquela casa linda da foto que tens na tua secretária?

— Sim. Essa mesma. Íamos sempre passar lá o verão quando eu era mais pequena, mas, nos últimos anos, ela começou a arrendá-la. A propriedade pertence à família dela há gerações. É antiga, mas é linda e tem vista para o mar.

— Amelia, isso é espetacular. Porque é que pareces tão aflita?

— Bem... é que ela deixou a outra metade a um tipo chamado Justin Banks.

— Quem é esse?

A única pessoa que alguma vez amei.

— É só um rapaz com quem cresci. A minha avó tomava conta dele enquanto os pais trabalhavam. A casa do Justin ficava de um lado, a minha do outro, e a da Nana no meio.

— Então era tipo um irmão, para ti?

Quem me dera.

— Fomos muito chegados durante anos.

— Pela tua expressão, fico com a ideia de que algo mudou...

— Adivinhaste.

— O que aconteceu?

Eu não estava com vontade de desenterrar aquilo tudo. O dia já me tinha assoberbado. Mais valia dar-lhe a versão resumida.

— Basicamente, descobri que ele estava a esconder-me uma coisa. E passei-me. Prefiro não entrar em pormenores. Digamos apenas que na altura eu tinha 15 anos e não estava a ser fácil lidar com as hormonas e com os problemas com a minha mãe. Tomei a decisão precipitada de sair dali e ir viver com o meu pai. —

Engolindo a dor, concluí: — Deixei tudo o que tinha em Providence e mudei-me para New Hampshire.

Felizmente, a Tracy não insistiu para saber qual seria o segredo. Não era disso que eu precisava de falar naquele momento. Era mais importante que ela me ajudasse a decidir qual seria o meu próximo passo, em vez de estar a abrir feridas antigas.

— Então basicamente fugiste de tudo isso, em vez de lidares com a situação.

— Pois. Fugi dos problemas... e do Justin.

— Nunca mais falaste com ele?

— Depois de ter ido embora, passaram-se vários meses em que não houve contacto nenhum. Sentia-me tão culpada pela forma como tinha reagido... Acabei por tentar falar com ele e pedir-lhe desculpa, quando me apercebi do que tinha feito, mas por essa altura já era demasiado tarde. Ele não queria ver-me, nem falar comigo. Compreensível. Ele tinha seguido em frente, começou a dar-se com outras pessoas, e pouco depois de acabar o secundário mudou-se para Nova Iorque. Desencontrámo-nos por completo, mas, ao que parece, ele manteve-se em contacto com a minha avó, que era como uma segunda mãe para ele.

— Sabes o que é feito dele?

— Nunca o procurei. Tive sempre demasiado medo do que poderia descobrir.

— Bem, precisamos de tratar disso e já.

A Tracy pousou o garfo e pôs-se a remexer na mala, em busca do telemóvel.

— Ei... O que estás a fazer?

— Sabes que me considero uma perseguidora profissional. — Ela sorriu. — Estou a procurá-lo no *Facebook*. Justin Banks... foi assim que disseste que se chamava? E vive em Nova Iorque?

A tapar os olhos, respondi:

— Não posso olhar. Não vou olhar. Seja como for, deve haver centenas de Justin Banks. O mais provável é que não o encontres.

— Como é que ele é?

— Da última vez que o vi, ele tinha 16 anos, pelo que de certeza que não há de estar igual. Mas tem cabelo louro-escuro.

Era mesmo giro. Ainda lhe vejo a cara como se tivesse sido ontem. Nunca consegui esquecê-lo.

A Tracy ia lendo informação em voz alta acerca de vários Justin Banks que iam aparecendo no *Facebook*. Nada me chamou a atenção até ela dizer:

— Justin Banks, Nova Iorque, músico na Just In Time Acoustic Guitar.

Foi como se o coração me caísse e, para minha surpresa, senti lágrimas a tentar abrir caminho por entre as minhas pálpebras. Senti-me desconcertada pela avalanche de emoções inesperadas. Era como se ele tivesse regressado do mundo dos mortos.

— O que é que acabaste de dizer? Onde é que esse trabalha?

— Just In Time Acoustic Guitar? É ele?

As palavras não me saíam, pelo que me mantive em silêncio, a matutar no nome; era o mesmo que ele sempre usara quando era miúdo e tocava guitarra na esquina da nossa rua.

Just In Time.¹

— É ele — acabei por admitir.

— Oh, meu Deus, Amelia.

O meu coração começou a bater mais depressa.

— O que foi?

— Este tipo é...

— O quê? Diz-me! — pedi-lhe praticamente a gritar, antes de acabar com o resto da água.

— É... lindo. Absolutamente lindo de morrer.

A tapar a cara, disse-lhe:

— Jesus. Por favor, não me digas uma coisa dessas.

— Vê só.

— Não posso.

¹ Jogo de palavras com o nome «Justin». À letra, «mesmo a tempo». [N. T.]

Antes que eu conseguisse voltar a recusar, a Tracy espetou-me o telemóvel à frente da cara. Tremeu-me nas mãos quando lhe peguei.

Valha-me Deus.

Porque fui olhar, sequer?

Do que dava para ver na foto, era mesmo lindo — tal como eu me lembrava dele, mas, ao mesmo tempo, realmente diferente. Estava a usar um gorro cinzento e tinha bastante barba, coisa que nunca tinha conseguido fazer crescer quando eu me dava com ele. Na fotografia de perfil, estava inclinado sobre uma guitarra e parecia prestes a cantar junto a um microfone. A sua expressão era intensa e arrepiou-me. Quando tentei clicar para ver outras fotos, não pude, porque ele tinha o perfil configurado como privado.

A Tracy pediu-me o telemóvel de volta.

— Ele é músico?

— Suponho que sim — respondi, enquanto lho devolia.

Costumava escrever-me canções.

— Vais entrar em contacto com ele?

— Não.

— Então porquê?

— Acho que nem sei o que lhe dizer. O que quer que deva acontecer, há de acontecer. Vou acabar por ter de falar com ele, só não quero ser eu a dar o primeiro passo.

— Como é que essa história da partilha da casa vai funcionar, afinal?

— Bem, o advogado deu-me um conjunto de chaves e disse-me que as outras tinham sido enviadas para o Justin. Os nossos nomes vão constar da escritura. A Nana também deixou algum dinheiro de parte para ser usado para reparações e manutenção da propriedade durante a época baixa. Suponho que ele esteja na posse da mesma informação.

— Não queres vender a casa, pois não?

— Nem pensar. Tem demasiadas memórias associadas e era mesmo importante para a Nana. Vou usá-la neste verão e depois talvez a arrende, se ele concordar.

— Então não fazes ideia de como ele tenciona usar a metade dele? Vais limitar-te a aparecer lá daqui a umas semanas e, se ele estiver, está, e, se não estiver, não está?

— Basicamente.

— Oh, isso vai ser interessante.



14 Anos Antes

O rapaz de quem a Nana começou a tomar conta neste verão estava sentado em frente à casa dele. Eu não ia mesmo deixá-lo ver-me a olhar para ele daquela maneira. A espreitar por entre as cortinas do meu quarto; só queria observá-lo sem que ele soubesse que eu estava ali.

Eu não sabia grande coisa sobre ele. Chamava-se Justin. Tinha uns 10 anos, como eu, talvez 11. Tinha acabado de se mudar para Rhode Island, vindo de Cincinnati. Os pais dele tinham dinheiro; de certeza, para comprarem a grande casa vitoriana ao lado da casa da Nana. Trabalhavam os dois na baixa de Providence e pagavam à Nana para tomar conta do Justin depois da escola.

Agora conseguia finalmente ver como ele era. Tinha cabelo louro-escuro desalinhado e parecia que estava a tentar aprender a tocar guitarra. Devo ter ficado ali à janela quase uma hora a vê-lo dedilhar as cordas.

Do nada, escapou-se-me um espirro. Ele virou a cabeça de repente na direção da janela. Os nossos olhares cruzaram-se por uns segundos antes de eu me baixar. O meu coração ficou em alvoroço, porque ele tinha ficado a saber que eu estivera a observá-lo.

— Então. Onde foste? — ouvi-o perguntar.

Continuei agachada e calada.

— Amelia... eu sei que estás aí.

Ele sabia como eu me chamava?

— Porque é que estás a esconder-te de mim?

Levantando-me lentamente de costas para a janela, finalmente respondi:

— Tenho um olho vesgo.

— Um olho vesgo? Isso é o mesmo que ter um olho atrevido?

— O que é um olho atrevido?

— Não sei ao certo. A minha mãe está sempre a dizer que o meu pai tem um olho atrevido.

— Um olho vesgo quer dizer que sou estrábica.

— Tipo com um olho para cada lado? — riu-se ele. — Não acredito. Isso é tão fixe. Deixa-me ver!

— Achas que é fixe ter um olho virado para dentro?

— Acho. Eu adorava! Tipo, podes olhar para as pessoas sem que elas saibam que estás a vê-las.

Ele estava a dar-me vontade de rir.

— Bem, o meu não é assim tão mau... ainda.

— Vá lá. Vira-te. Quero ver.

— Não.

— Por favor?

Sem saber o que me tinha dado, decidi deixá-lo ver-me. Também não poderia evitá-lo para sempre.

Quando me virei, ele estremeceu.

— O que aconteceu ao teu outro olho?

— Continua aqui. — Apontei para o meu olho direito. — Tenho só uma pala a tapá-lo.

— Porque é que a fazem da cor da tua pele? Daqui parecia que não tinhas olho. Pregaste-me um susto do caraças.

— Está debaixo da pala. O meu médico dos olhos vai obrigar-me a usar isto quatro dias por semana. Hoje é o primeiro dia. Agora já percebes porque é que não queria que me visses!

— Não precisas de ter vergonha. Só me apanhou de surpresa porque não sabia que era assim. Então, o teu olho vesgo está aí? Quero vê-lo.

— Não, o que está tapado é o meu olho bom. O médico diz que, se não usar o olho bom, o olho estrábico vai ganhar força e endireitar com o tempo.

— Oh... já percebi. Então, e agora já podes vir cá para fora? Já que não tens de continuar a esconder-te de mim...

— Não. Não quero que mais ninguém me veja.

— O que é que vais fazer amanhã quando tiveres de ir para a escola?

— Não sei.

— Então vais só passar o resto do dia dentro de casa?

— Para já, sim.

O Justin não disse nada. Limitou-se a largar a guitarra, levantar-se e correr até sua casa.

Se calhar eu tinha-lhe pregado mesmo um grande susto.

Cinco minutos depois, voltou a correr para o mesmo sítio, em frente à casa da Nana. Quando tornou a olhar para a minha janela, eu nem acreditava nos meus olhos. (Bem, no meu olho.) Ele trazia uma pala preta gigante a tapar-lhe o olho direito! Parecia um pirata. Sentou-se, pegou na guitarra e começou a dedilhar. Para minha surpresa, começou a cantar. Era uma versão da canção *Brown Eyed Girl*², só que mudou a letra para *One Eyed Girl*³. Foi então que percebi que o Justin Banks era tão doido quanto adorável.

Quando acabou de cantar, tirou um marcador preto do bolso.

— Também te pinto a tua. Agora já podes vir cá para fora?

Uma sensação calorosa que eu nunca antes sentira invadiu-me o coração. Agora que penso nisso, foi provavelmente nesse momento que o Justin Banks se tornou o meu melhor amigo. Também foi nesse dia que me deu a alcunha que me acompanharia durante a nossa adolescência: *Pala*.

² Original de Van Morrison. À letra, «Rapariga de Olhos Castanhos». [N. T.]

³ «Rapariga de Um Só Olho». [N. T.]

Capítulo Dois

Não havia dúvida de que era a calma antes da tempestade; eu só ainda não sabia isso.

A propriedade estava em boas condições porque a vizinha, a Cheri, que também era uma boa amiga da minha avó, tinha cuidado dela. Duas semanas depois do início da minha estadia na casa de verão da Nana — na minha casa de verão —, eu fazia figas para que a paz e o sossego continuassem. Não havia sinal do Justin. Não havia sinal de ninguém. Era só eu e os meus livrinhos, a desfrutar de um tranquilo início de verão, naquela ilha rodeada pelo ar salgado do oceano.

Nunca na vida eu tinha dado tanto valor àquele tipo de paz. Tinha-se passado apenas um mês desde que eu sentira que o meu mundo desabara. Não só a Nana acabara de morrer como também descobri que o Adam, com quem namorava há dois anos, andava a enganar-me. Na noite em que descobri, tínhamos acabado de fazer sexo quando ele foi à casa de banho para mandar fora o preservativo e tomar um duche. Deixou o telemóvel ao lado da cama, e foi então que vi uma data de mensagens de uma cabra qualquer chamada Ashlyn. Ele costumava levar o telemóvel para todo o lado, até para a casa de banho, mas, nessa noite, esqueceu-se. Depois procurei-a no *Facebook* e vi que metade das fotos que ela publicava era dos dois. Ao longo dos seis meses anteriores, eu tinha sentido que ele andava esquisito. Mas essa foi a confirmação final.

E mesmo antes da minha chegada à casa de verão, eu soubera que o Adam se tinha mudado para Boston para viver com ela,

Portanto, tratava-se de uma época importante de transição para mim. Aos 24 anos, estava novamente solteira e a começar uma vida nova em Newport, durante aquele verão. O meu emprego como professora em Providence deixava-me com os verões livres. Pretendia encontrar um trabalho temporário durante o verão, mas, por ora, só queria desfrutar de umas semanas de descontração.

O meu dia começava com café no terraço com vista para Easton's Beach. A ouvir as gaivotas, passava algum tempo no *Facebook*, lia a minha revista *In Style* ou limitava-me a meditar. Depois deixava-me ficar de molho na banheira durante o tempo que me apetecesse antes de me vestir e de dar início ao dia, o que significava aninhar-me no sofá com o meu livro.

A meio da tarde, preparava o almoço e levava-o de novo para o terraço. Antes de anoitecer, ia de carro até à Thames Street em Newport e espreitava as lojas, vendo vidro trabalhado, bugigangas e obras de arte de inspiração náutica. A seguir, fazia uma paragem para um gelado ou um café.

O dia normalmente terminava com uma ida à doca para comprar uma lagosta ou umas amêijoas acabadas de pescar. Levava-as para casa num saco e cozia-as a vapor numa panela no pátio. Depois sentava-me a jantar com uma garrafa de vinho branco fresco, enquanto admirava o sol a pôr-se sobre o Atlântico.

Aquilo é que era vida.

A minha rotina manteve-se a mesma durante todos os dias de umas duas semanas até ter despertado bruscamente para a realidade.



Certa noite, ao voltar da baixa de Newport com o meu saco de crustáceos, reparei que a porta da casa estava escancarada. Será que me tinha esquecido de a trancar? Teria sido o vento a abri-la?

O meu ritmo cardíaco acelerou quando entrei na cozinha e me deparei com uma miúda alta, com umas superpernas e cabelo louro-platinado muito curto. Parecia-se com a Mia Farrow em jovem e estava a reabastecer os armários.

Pigarreei.

— Olá?

Ela virou-se antes de levar a mão ao peito.

— Oh, meu Deus. Assustaste-me. — Já a sorrir e a aproximar-se de mim, estendeu-me a mão. — Chamo-me Jade.

Com as suas feições finas, bochechas altas e aquele corte de cabelo à *pixie*, a Jade poderia ser modelo. Fisicamente, eu era o oposto dela, com o meu cabelo comprido e escuro e as minhas curvas.

— Eu sou a Amelia. Quem és tu?

— Sou a namorada do Justin.

Senti uma pedra a pesar-me no estômago.

— Oh... estou a ver. Onde é que ele está?

— Acabou de sair para ir ao mercado e à loja de vinhos.

— Há quanto tempo estão aqui?

— Chegámos há cerca de uma hora.

— E quanto tempo é que vão ficar?

— Não sei bem. Vamos só ver onde é que o verão nos leva. Nenhum de nós estava à espera disto... sabes, a casa.

— Pois... bem sei. — Olhei para baixo, para a manicure francesa dos seus dedos dos pés à espreita pelas sandálias de salto. — Tu trabalhas?

— Sou atriz, na verdade... na Broadway. Bem, agora *não* estou na Broadway. Estou entre empregos, mas o mais provável é que tenha de ir a Nova Iorque para audições. E tu, o que fazes?

— Sou professora da preparatória. Por isso tenho os verões só para mim.

— Oh, isso é mesmo fixe.

— Sim. É divertido. Onde é que o Justin trabalha?

— Agora trabalha a partir de casa. Vende software. Pode trabalhar a partir de qualquer lugar. Também dá concertos. Sabes que ele é músico, certo?

— Para ser sincera, já não sei muito acerca dele.

— O que é que aconteceu entre vocês, afinal? Se não te importas que pergunte...

— Ele nunca te contou nada sobre mim?

— Só que vocês cresceram juntos e que és a neta da Sra. H. Honestamente, nunca tinha falado de ti até a carta do advogado ter chegado.

Apesar de estar à espera, aquilo entristeceu-me.

— Não me surpreende.

— Porque é que dizes isso?

— É uma história um pouco comprida.

— Vocês alguma vez andaram?

— Não. Não foi nada disso. Éramos só bons amigos, mas afastámo-nos depois de eu me ter mudado.

— Estou a ver. Esta coisa toda é um bocado esquisita, não é? Quero dizer, herdar assim uma casa do nada?

— Bem, a minha avó era muito generosa e gostava muito do Justin. A minha mãe é a única filha que ela teve e a Nana adorava o Justin como se fosse seu filho, por isso...

— A tua avó deixou-te a casa a ti e não à tua mãe?

— A minha mãe e a Nana desentenderam-se aqui há uns anos. Felizmente fizeram as pazes antes de ela ter morrido, mas as coisas nunca mais voltaram ao mesmo.

— Lamento.

— Obrigada.

A Jade abriu os braços para me puxar para um abraço descontraído.

— Bem, espero mesmo que possamos ser amigas. Vai ser bom ter uma amiga com quem ir às compras e explorar a ilha.

— Sim. Isso seria agradável.

— Espero que possas jantar connosco hoje...

Eu não estava preparada para o enfrentar. Precisava de inventar um pretexto e pôr-me a andar.

— Na verdade, provavelmente esta noite não deve dar. Tenho de ir embora...

— É isso que fazes melhor, não é? — interrompeu-me uma voz grave que mal reconheci, vinda de trás de mim.

— Como? — perguntei, engolindo nervosamente e recusando-me a virar-me para olhar para ele.

— Ir embora — disse ele mais alto. — É isso que fazes melhor.

A minha respiração já estava acelerada, mas foi quando me virei que ia perdendo as estribeiras.

Foda-se.

Capítulo Três

O Justin estava à minha frente e juro que era como se o rapaz que eu deixara tivesse sido engolido por uma massa de pura fibra. Parecia tão diferente da visão que tinha dele, de há nove anos. A fúria no seu rosto era evidente e, de alguma maneira, isso tornava-o ainda mais atraente. Só teria sido melhor se não fosse dirigida a mim.

A sua pele tinha um lindo tom bronzeado que complementava as madeixas douradas naturais do seu cabelo louro-escuro. O rosto suave que eu recordava tinha endurecido, e estava com a barba por fazer. Uma tatuagem de uma corda e de arame farpado enrolava-se à volta do seu bícep. Tinha vestidos uns calções de camuflado e uma camisola de alças de malha branca, justa no peito cinzelado.

Passou-se sei lá quanto tempo comigo só a olhar para ele. Apesar de estar demasiado estupefacta para dizer o que quer que fosse, o meu coração gritava. No fundo, sabia que a minha reação não se devia apenas à atração física que sentia por ele. Era porque, não obstante todas as mudanças, uma coisa tinha ficado absolutamente igual. Os olhos. Refletiam a mesma dor que eu recordava da última vez que o tinha visto.

O nome dele finalmente saiu-me:

— Justin...

— Amelia. — O som grave e gutural da sua voz vibrou no meu corpo.

— Não sabia se ias aparecer.

- Porque é que não haveria de aparecer? — rosnou ele.
- Bem, pensei que eras capaz de querer evitar-me.
- Sobrestimas a importância que tens para mim. É claro que vim. Metade desta casa é minha.
- As palavras dele magoavam.
- Não disse que não era. É só... Nunca tive notícias tuas.
- É duro, não é?
- Claramente desconfortável com a nossa troca de galhardetes, a Jade pigarreou.
- Eu tinha acabado de perguntar à Amelia se queria jantar conosco. Assim podiam pôr a conversa em dia.
- Parece que ela já tem planos.
- Virei-me para ele.
- Porque dizes isso?
- Oh, não sei... Talvez porque trazes na mão um saco malcheiroso?
- É marisco fresco.
- Não me cheira lá muito a fresco.
- Meu Deus. Não nos vemos há nove anos e é assim que te comportas? — Virei-me para a Jade. — Ele é sempre tão grosseiro?
- Antes que ela pudesse responder, ele atalhou:
- Acho que é o que tu despertas em mim.
- Achas que a Nana ficaria contente com a atitude que estás a ter? Algo me diz que ela não nos deixou esta casa para podermos discutir um com o outro.
- Ela deixou-nos a casa porque ambos éramos importantes para ela. Isso não quer dizer que tivéssemos de ter alguma coisa que ver um com o outro. Para além disso, se te importava tanto o que a Sra. H. pensava, talvez não devesse ter fugido.
- Isso é um golpe baixo.
- Suponho que a verdade doa.
- Eu tentei entrar em contacto contigo, Justin. Eu...
- Não vou falar disso agora, Amelia — disse ele, entre dentes cerrados. — Isso é passado.

Era desconcertante ouvi-lo tratar-me pelo meu nome. Fora o primeiro dia em que nos conhecemos, sempre me chamou Pala. Ouvir o meu nome a sair da sua boca era como uma chapada na cara, sem que eu percebesse bem porquê, para além de parecer que ele tentava enfatizar o quanto nos tínhamos afastado.

O Justin passou do furor ao gelo e foi lá fora buscar as compras ao carro, mas não sem antes bater com a porta.

Estremeci, olhando para a Jade, cujos olhos se moviam de um lado para o outro, confusos.

— Bem, que belo início — brinqueei.

— Não sei o que dizer. Nunca o vi comportar-se assim com ninguém, para ser sincera. Peço imensa desculpa.

— Não tens culpa nenhuma. Acredites ou não, eu provavelmente mereço.

A única coisa pior do que aquele encontro mal-humorado foi a forma patente como ele me ignorou ao jantar e durante o resto da noite. Isso magoou-me mais do que qualquer coisa que ele pudesse ter-me dito.



Se eu tinha achado a noite horrível, a falta de sono garantiu que a manhã seguinte fosse ainda pior.

Ao que parecia, o Justin tinha arranjado um escape para a sua raiva — descarregá-la na Jade. Digamos apenas que tocar guitarra não tinha sido o único talento que ele desenvolvera ao longo do tempo. Os gemidos da Jade a meio da noite enquanto o Justin investia contra ela acordaram-me. As paredes até abanavam. Depois disso, foi impossível voltar a dormir. Dei voltas e mais voltas, com os pensamentos ora a reverem o que o Justin me tinha dito, ora a imaginarem a cena no outro quarto. Não que eu devesse realmente pensar nisso, mas parecia que não conseguia evitá-lo.

Eram sete da manhã e a casa estava silenciosa, pelo que parti do princípio de que ambos estariam a aproveitar para dormir, depois

de toda a diversão noturna. Quando desci para preparar um café, para minha surpresa, dei com ele sozinho na cozinha, a olhar pela grande janela com vista para o mar. Já havia café a fazer. Ele estava de costas para mim, pelo que ainda não me tinha visto.

Aproveitei a oportunidade para lhe admirar a estatura e a pele impecável das suas costas definidas e despidas. Umas calças de treino pretas envolviam-lhe o traseiro musculado. Não me tinha apercebido de que ele tinha um traseiro incrível. Naquelas circunstâncias, a atração física que sentia por ele irritava-me, mas isso não me impediu de lhe tirar as medidas. Ele tinha uma tatuagem retangular no meio das costas. A semicerrar os olhos, tentei em vão perceber o que seria. Ele assustou-me quando se virou de repente com um olhar furioso.

— Ficas sempre espedada a olhar para as pessoas quando achas que não te veem?

Engoli o alto que se tinha formado na minha garganta.

— Como é que soubeste que eu estava aqui?

— Vi o teu reflexo na janela, génio.

Merda.

— Nem pestanejaste. Achei que não tinhas dado por mim.

— Evidentemente.

— Estás a ver se consegues que te odeie ou qualquer coisa do género? É que estás a fazer um belo trabalho.

O Justin não respondeu. Em vez disso, limitou-se a virar-se de novo para a janela.

— Porque é que fazes isso? — perguntei.

— O quê?

— Dizes coisas para me chatear e depois calas-te?

Ele continuou a falar para a janela.

— Preferias que eu continuasse a chatear-te? Estou a tentar controlar a raiva que sinto por ti, Amelia. Devias dar-te por contente por eu saber parar... ao contrário de uns e outros.

— Podes ao menos olhar para mim enquanto falas comigo?

Ele virou-se e caminhou na minha direção. Em seguida, inclinou a cara. Senti-lhe as palavras nos meus lábios quando me perguntou:

— É melhor assim? Preferes-me em cima de ti, assim?

Estava praticamente a sentir-lhe a respiração. Todo o meu corpo ficou fraco com a proximidade, pelo que recuei.

— Bem me parecia — resmoneou ele.

Fui até ao frigorífico e abri-o, a fingir que procurava qualquer coisa. Irritava-me que as minhas manhãs tranquilas agora pertencessem ao passado.

— Levantas-te sempre assim tão cedo? — perguntei-lhe.

— Sou madrugador.

— Estou a ver... tão feliz e contente — repliquei, sarcástica. — Mas há quem precise de dormir, sabes?

— Eu dormi muito bem esta noite.

— Oh, eu sei... depois de me teres traumatizado. Deves ter desmaiado depois de tanta queca. Será que podiam ter feito mais barulho?

— Bem, desculpa lá. Se não posso foder na minha própria casa, onde é que queres que o faça?

— Não disse para não o fazeres. Só para seres mais respeitoso.

— Define respeito.

— Fazeres as coisas mais discretamente.

— Desculpa. Não fodo discretamente.

Por mais que tenha detestado a resposta, já sabia que aquelas palavras acabariam por ficar retidas na minha cabeça para me incomodarem durante a noite.

— Esquece. Claramente, não percebes o que respeito quer dizer.

— Respeitar-te? Porquê? Porque não vais para a cama com ninguém? Porque é que não engatas um tipo salgado qualquer da doca? Se calhar assim não te importarias tanto com o que os outros andam a fazer.

— Tipo salgado?

— Pois. Um desses que vivem nos barcos... os que te vendem o peixe malcheiroso que comeste ontem à noite.

Limitei-me a abanar a cabeça e a revirar os olhos, recusando-me a responder-lhe.

Ele surpreendeu-me quando, de repente, levantou a cafeteira.

— Queres café?

— Agora deu-te para ser simpático?

— Não, só calculei que continuavas aqui por algum motivo. Deve ser por causa do café.

— A cozinha é minha.

Ele piscou-me o olho.

— *Nossa.* — A tirar duas canecas do armário, perguntou-me: — Como é que queres o teu?

— Com natas e açúcar.

— Eu trato disto enquanto vais vestir um soutien.

Olhei para o meu peito, que estava livre debaixo da minha t-shirt branca. Como não esperava deparar-me com ele tão cedo, nem me ocorrera vestir um soutien. Demasiado envergonhada por ele ter reparado, voltei ao quarto e vesti-me.

Quando voltei, ele estava de novo virado para a janela, a beber o seu café.

— Assim está melhor? — perguntei-lhe, a referir-me ao vestido.

Ele virou-se e olhou-me de cima a baixo.

— Define melhor. Se quer dizer já não te ver as mamas... sim, está melhor. Se quer dizer que tu *estás* melhor, bem, isso é discutível.

— Que mal é que tem o vestido?

— Parece que foste tu mesma a cosê-lo.

— Na verdade, comprei-o numa loja da ilha e foi feito à mão.

— A partir de uma saca de batatas?

— Acho que não.

Talvez?

Ele riu-se.

— O teu café está na bancada, Boneca de Trapos.

A minha vontade era retorquir com uma resposta torta, mas depois apercebi-me de que devia ser isso que ele queria. Eu precisava de o arrasar com amabilidade, em vez de revelar a minha raiva.

— Obrigada. Foi simpático da tua parte teres-mo feito.

Cretino.

Bebi um gole e cuspi-o de imediato.

— O que é que puseste nisto? Está tão forte!

Em vez de me responder, ele começou simplesmente a rir. O seu riso ecoava pela cozinha e, por mais que eu detestasse que fosse à minha custa, era a primeira vez que ele se ria. Isso fez-me viajar no tempo e lembrou-me de que o cretino — giro como tudo — que estava à minha frente em tempos tinha sido o meu melhor amigo.

— Não gostas?

— É um bocado forte. O que é?

— É fusão de café.

— Mas o que é que isso quer dizer?

O Justin foi até ao armário e tirou de lá uma lata e um pacote.

— É uma receita minha. Café cubano misturado com este. — Apontou para o pacote preto que tinha uma caveira branca com uns ossos cruzados por baixo.

— Que raio é isso?

— É café. Encomendo-o pela Internet. Não há outra coisa com cafeína suficiente para mim.

— Era por isso que querias servir-mo, não era? Sabias que eu ia detestar esta... mistela.

Em vez de responder, ele limitou-se a soltar aquela sua gargalhada rouca, só que, desta vez, riu-se ainda mais do que antes.

A Jade entrou na cozinha, a usar uma t-shirt preta e comprida que devia ser a que ele não tinha vestida.

— Qual é a graça?

Os olhos malandros do Justin espreitaram por trás da caneca. Com um risinho, respondeu-lhe:

— Estávamos só a tomar café.

A Jade abanou a cabeça.

— Não bebeste o lodo dele, pois não? Não percebo como é que ele gosta daquilo.

Lembrei-me do meu plano de o arrasar com bondade. Enquanto dava outro gole no café, assenti com a cabeça.

— Na verdade, quando provei achei-o bastante forte, mas até me parece que gosto.

Era horroroso.

— É melhor teres cuidado. Essa cena é potente. O Justin é imune, mas, da primeira e única e vez que bebi isso, passei, tipo, quatro dias sem pregar olho.

O Justin riu-se.

— Ao que parece, *nós* não deixámos a Amelia pregar olho esta noite.

A Jade virou-se para mim.

— Oh, merda. Desculpa.

Encolhi os ombros e disse-lhe:

— Não tem importância, ao fim de algum tempo, habituei-me.

— Foi então que pensaste que querias juntar-te? — brincou ele.

Vai-te lixar.

Eu não ia responder àquilo.

Quanto mais olhava para a expressão convencida do Justin, mais determinada ficava quanto a acabar a maldita caneca de café, só por pirraça.

— Estou mesmo surpreendida por estar a gostar tanto disto — menti.

A Jade optou por ignorar o comentário anterior do Justin.

— Que me dizes a irmos à vila depois do pequeno-almoço, Amelia? Adorava que me mostrasses a ilha.

— Está bem. Boa ideia.

Ela aproximou-se dele e passou-lhe um braço à volta da cintura.

— Queres vir connosco, amor?

— Não. Tenho umas cenas para fazer — disse o Justin antes de acabar o café e deixar a caneca no lava-louça.

— OK. Então vamos só nós, as miúdas.



O café tinha-me deixado a mil. Enquanto eu e a Jade andávamos por Newport nessa manhã, ela estava sempre a dizer-me para abrandar. Parecia que, de saltos altos, não conseguia acompanhar-me.

A dada altura, nessa tarde, parámos para descansar as pernas. Sentámo-nos num banco de madeira, viradas para as dezenas de barcos à vela ancorados enquanto o sol incidia na água.

— Então, como foi que tu e o Justin se conheceram? — perguntei-lhe.

— Eu estava entre o público de um clube chamado Hades, na cidade. O Justin deu lá um concerto nessa noite. Passou o tempo todo que estive a cantar a olhar para mim e, depois do espetáculo, foi à minha procura. Quando me disse que tinha estado a pensar em mim enquanto cantava a última canção, por pouco não morri. Temos sido inseparáveis desde então.

Senti-me corar. Não estava disposta a admitir, nem perante mim mesma, que era de inveja. A ideia de eles estabelecerem uma ligação tão íntima enquanto ele cantava num concerto deixava-me pouco à vontade, sem conseguir perceber bem porquê. Talvez porque me trazia à memória as canções que ele costumava escrever-me. Seria de pensar que nada me incomodaria depois de ter de os ouvir na cama na noite anterior.

— Que tipo de música é que ele toca agora?

— Bem, faz algumas *covers* de artistas como o Jack Johnson, mas também compõe muitos originais. Toca sobretudo em bares, mas o *manager* dele anda a ver se lhe arranja um contrato para um álbum. É claro que as miúdas se passam com ele. Não tem sido fácil habituar-me a isso.

— Aposto que é complicado.

— Sim. Mesmo. — Inclinou a cabeça. — Então, e tu? Não tens namorado?

— Acabei de terminar uma relação.

— Passei a meia hora seguinte a contar-lhe o que tinha acontecido com o Adam. Era mesmo fácil falar com a Jade, e deu para ver que ficou incomodada quando lhe disse que o Adam me tinha traído.

— Bem, é melhor descobrir essas coisas agora, enquanto és jovem, do que desperdiçares uma década com uma pessoa assim.

— Tens toda a razão.

— Vamos ter de te arranjar alguém neste verão. Tenho visto montes de tipos giros hoje.

— A sério? É que os únicos que eu vi iam de mãos dadas uns com os outros.

Ela riu-se.

— Não. Houve outros.

— Não ando mesmo à procura de outra relação.

— Quem é que está a falar disso? Precisas de alguém com quem ir para a cama... com quem possas divertir-te, sobretudo depois do que o sacana do teu ex-namorado te fez. Mereces um caso ardente de verão, alguém que te deixe louca, alguém em quem não consigas parar de pensar mesmo quando não está por perto.

Infelizmente, neste momento, é o teu namorado que não consigo tirar da cabeça.

Ela tinha boas intenções, pelo que me limitei a sorrir-lhe e a assentir com a cabeça, embora não estivesse mesmo com vontade de ir para a cama fosse com quem fosse naquele verão.

A caminho de casa, passámos pelo Sandy's on the Beach, um restaurante conhecido por ter música ao vivo à noite e comida mesmo boa. Um anúncio à frente dizia: *Precisa-se de Pessoal Temporário para o verão*. Como havia uma universidade mesmo do outro lado da ponte, montes de estudantes iam passar o verão a casa, deixando alguns dos restaurantes locais com falta de empregados.

Parei à entrada.

— Importas-te que vá lá dentro e veja isto?

— Claro que não. A mim também me dava jeito espreitar.

Afinal, o Sandy's estava desesperado com falta de pessoal. Tanto eu como a Jade tínhamos experiência a servir às mesas, pelo que nos sentámos e preenchemos os formulários de candidatura. Quando saímos, já tínhamos emprego. Basicamente, o gerente disse-nos que podíamos trabalhar em todas as noites que quiséssemos. Não podíamos recusar o dinheiro extra e a flexibilidade. A Jade ficou particularmente satisfeita quando ele lhe disse que não havia problema se ela tivesse de cancelar um turno em cima da hora caso fosse chamada a Manhattan para uma audição. Íamos começar no dia seguinte.

Nessa noite, achámos que devíamos celebrar os nossos novos empregos com um jantar e bebidas no terraço da casa. Eu nem tinha reparado como fora tranquilo o dia, estando longe do Justin.

Assim que entrámos, as borboletas na minha barriga acordaram, ao sentir o cheiro da água-de-colónia dele. O Justin estava de pé na cozinha, a beber uma cerveja, e a Jade correu até ele, passando-lhe os braços em volta do pescoço. O Justin era alto — tinha mais de um metro e oitenta — mas a Jade não era muito mais baixa. Ao lado deles, eu parecia uma anã.

Meu Deus, arranjou-se bem.

O Justin tinha trocado os calções de camuflado por umas calças de ganga escura e uma camisa cinzenta às riscas pretas que lhe salientava os músculos do peito. Tinha feito qualquer coisa ao cabelo que eu não sabia o quê. Talvez o tivesse lavado? Fosse o que fosse, realçava-lhe o azul dos olhos — uns olhos que, naquele momento, fitavam os da Jade.

Ela passou os dedos pelo cabelo dele e depois beijou-o.

— Fizeste-me falta, amor. Sabes que mais? Arranjámos emprego as duas, num restaurante de praia.

— Disseste-lhes que era possível que a qualquer altura te chamassem para ires a Nova Iorque?

— O tipo disse que não fazia mal. Basicamente, disse que eu podia trabalhar quando quisesse.

— A sério? Isso parece-me um bocado manhoso. Mas tu é que sabes. Tens a certeza de que ele não quer só saltar-te para cima?

— Ele disse-me o mesmo a mim — interrompi.

— Bem, então não há de ser isso.

Demorei um bocado a perceber que ele tinha acabado de me insultar.

A Jade atalhou antes que eu arranjasse uma resposta.

— Está uma noite agradável. E se jantássemos lá em cima no terraço? Podíamos grelhar os bifes que deixei a marinar no frigorífico.

Não tive coragem de lhe dizer que não gosto de carnes vermelhas, pelo que me mantive calada. Ele provavelmente julgaria que era uma desculpa para não jantar com eles.

Arrasa-o com amabilidade.

— Eu não sou grande cozinheira, mas posso preparar uma salada grande.

O Justin deu uma palmada na bancada.

— Ótimo. Vou tratar da grelha enquanto a Amelia mexe nos tomates.

Ele já ia a sair quando lhe gritei:

— Sabes o que é que a Nana te diria agora? Que fosses lavar essa boca suja com sabão.

Ele virou-se e arqueou uma sobrancelha.

— Sabão não seria suficiente.

Suponho que devesse dar-me por contente por ele estar a falar comigo, em vez de fingir que eu não existia. Acho que estávamos a fazer progressos...

Depois de cortar alface, cenoura, cebola roxa, tomate e pepino, temperei a salada com um molho vinagrete caseiro de limão e mostarda.

Levei-a lá para cima, onde o Justin e a Jade já estavam sentados à mesa. A Jade tinha servido três copos de *Merlot* e o Justin estava a bebericar um e a observar as ondas do mar, que naquela noite estava picado.

Quando começámos a comer, o Justin não olhava para mim, nem fazia conversa. Enchi o prato de salada e pão, e foi preciso algum tempo até alguém reparar que eu não estava a comer mais nada.

A Jade tinha a boca cheia quando comentou:

— Nem sequer tocaste no bife.

— Não gosto muito de comer carne.

O Justin riu-se.

— É por isso que não arranjas homem?

Deixei cair o garfo.

— És um parvalhão. A sério. Nem te reconheço. Como é possível que alguma vez tenhamos sido amigos?

— Eu costumava fazer-me a mesma pergunta, até ter deixado de me importar com essa merda.

Levantei-me da mesa e desci as escadas. Encostada à bancada da cozinha, fui respirando lentamente para me acalmar.

A Jade aproximou-se de mim, sem fazer barulho.

— Não percebo mesmo o que se passa entre vocês ou porque é que ele se recusa a falar disso. Tens a certeza de que vocês nunca foram namorados?

— Já te disse, Jade. Não foi nada disso.

— Contas-me o que aconteceu?

— Acho que devia ser ele a explicar-te. Honestamente, não quero irritá-lo ainda mais por ultrapassar limites. Para além disso, posso dizer-te que, se ele está zangado, é por causa da forma como me fui embora... como fugi. O que quer que tenha acontecido antes não interessa agora. Ele está lixado por causa da forma como lidei com as coisas.

— Vamos voltar lá para cima e tentar ter um jantar agradável.

De volta ao terraço, encontrei o Justin de cara fechada, a servir-se de mais vinho. Parte de mim queria esbofeteá-lo, mas outra parte sentia-se culpada por lhe ter causado tanta raiva. Ele dizia que não se importava, mas eu recusava-me a acreditar que se comportaria assim se não se importasse.

Toquei-lhe no braço.

— Podes só falar comigo?

Ele afastou o braço com brusquidão.

— Para mim chega. Não vou falar de nada.

— E se o fizesses pela Nana?

A cabeça dele levantou-se de imediato e os seus lindos olhos azuis escureceram.

— Para de a arrastar para isto, foda-se. A tua avó era uma mulher maravilhosa. Foi a mãe que eu nunca tive. Nunca me virou as costas, como praticamente toda a gente na minha vida. Esta casa é uma representação da Sra. H., e é por isso que aqui estou. Não é por tua causa. Tu queres que eu fale, mas o que me parece que não entendes é que eu não tenho nada a dizer acerca de uma coisa que aconteceu há quase uma década. Apaguei tudo, Amelia. Quero lá saber se tu e a Jade se tornam amigas. Mas não te dês ao trabalho de tentar fazer o mesmo comigo, porque nós não vamos ser amigos. Deixas-me com uma disposição de merda e eu não quero passar o verão inteiro com uma disposição de merda. Somos companheiros de casa. Nada mais. Para de fingir que há aqui algo mais. Para de fingir que gostas do maldito café. Para de fingir que está tudo ótimo. Deixa-te de merdas e vê as coisas tal como elas são. Não somos nada um ao outro. — Levantou-se e levou o prato. — Já acabei, Jade. Vemo-nos no quarto.

Eu e a Jade ficámos caladas, a ouvir apenas o som das ondas a embater lá em baixo.

— Lamento imenso, Amelia.

— Por favor. Não fiques triste, OK? Ele tem razão. Há coisas que não têm conserto.

Apesar das palavras complacentes que me saíam da boca, uma lágrima correu-me pela face.



11 Anos Antes

A minha mãe tinha saído outra vez. Sabia Deus onde tinha ido, ou com quem. Nunca podia contar com a minha mãe, a Patricia, para o que quer que fosse. Só havia duas pessoas em quem podia confiar a vida: a Nana e o Justin.

A única coisa boa de a minha mãe me deixar sozinha na maioria das noites era que isso me permitia esgueirar-me de casa e ir onde quer que me apetecesse. A Nana partia do princípio de que a minha mãe estava em casa na maior parte do tempo, pelo que não ia impedir-me.

Eu e o Justin tínhamos combinado encontrar-nos dali a 15 minutos. Íamos ao centro comercial para vermos alguns dos outros miúdos do 8.º ano lá da escola. Faziam parte do grupo fixe a que eu e o Justin andávamos a tentar pertencer. Como nos dávamos sobretudo um com o outro, não estávamos associados a nenhum grupinho.

Ele estava à espera na esquina, de mãos enfiadas nos bolsos. Eu adorava quando ele usava o boné de basebol ao contrário e a forma como madeixas de cabelo louro-escuro espreitavam de um lado e do outro. Tinha começado a reparar cada vez mais em pequenas coisas como essas. Era difícil não reparar.

Ele caminhou na minha direção.

— Estás pronta?

— Estou.

O Justin desatou a correr.

— Temos de nos despachar. O próximo autocarro passa daqui a cinco minutos.

Eu não sabia por que razão a ideia de passar tempo com aqueles miúdos me deixava tão nervosa. O Justin não parecia nada nervoso. Em geral, era mais confiante do que eu.

Quando entrámos no centro comercial, as luzes fluorescentes contrastavam imenso com o inverno escuro lá fora. O combinado era encontrarmo-nos com os miúdos na praça da restauração, pelo que nos aproximámos de um mapa do edifício de três andares.

O meu coração latejava quando nos aproximámos dos dois rapazes e da rapariga que estavam em frente a uma banca de pretzels. O Justin percebeu que eu estava aflita.

— Não fiques nervosa, Pala.

A primeira coisa que me lembro de ter ouvido a sair da boca do Chandler foi:

— Que raio é isso?

— O quê?

— Cagaste-te nas calças, Amelia?

O meu coração já parecia prestes a explodir-me no peito quando olhei para baixo. Eu sabia que, apesar dos nervos, não tinha perdido o controlo dos intestinos. Uma pessoa sabe quando isso acontece, não sabe? Não. Aquilo era sangue. Eu não estava preparada porque era a primeira vez que me vinha o período. Com 13 anos, chegava-me mais tarde do que à maioria das raparigas que eu conhecia, e provavelmente na pior altura imaginável.

O Justin olhou para baixo e depois para os meus olhos em pânico.

Sussurrei-lhe em surdina:

— É sangue.

Sem hesitar, ele acenou com a cabeça, como que a dizer-me que tinha a situação controlada.

— É sangue — disse ele.

— Sangue? Blhec... que nojo! — exclamou o outro rapaz, que se chamava Ethan.

— A Amelia espetou o meu canivete na barriga quando vínhamos a caminho.

Eu tinha estado a olhar para baixo, mas levantei a cabeça de repente e fitei o meu amigo com um ar incrédulo.

Os olhos do Chandler arregalaram-se.

— Espetou um canivete na barriga?

— Pois. — O Justin sorriu. Para minha surpresa, tirou do bolso um canivete. — Estão a ver? Ando sempre com ele. É um canivete suíço. Bem, eu estava a mostrá-lo à Amelia no autocarro. Desafiei-a a espetá-lo na barriga. E ela, como é uma grande maluca, fez isso mesmo! É por isso que agora tem sangue nas calças.

— Estás a gozar?

— Quem me dera, meu.

Os três entreolharam-se antes de o Chandler dizer:

— Nunca tinha ouvido uma merda tão fixe!

O Ethan deu-me uma palmada no braço.

— A sério, Amelia. Essa cena é mesmo épica.

O Justin riu-se.

— Pois, por isso... achámos que podíamos passar por aqui, porque estávamos quase a chegar... mas agora é melhor levá-la às Urgências.

— Fixe, meu. Depois diz-nos como correu.

— Está bem.

— Que raio acabaste de fazer? — sussurrei-lhe enquanto nos afastávamos.

— Não digas nada. Limita-te a andar.

O ar fresco da noite atingiu-nos assim que saímos pelas portas giratórias do centro comercial. Ficámos no passeio e fitámo-nos por um momento antes de desatarmos à gargalhada.

— Nem acredito que inventaste aquela história maluca.

— Não é que devas ter vergonha da verdade, mas eu percebi que estavas embaraçada. Por isso, quis fazer qualquer coisa. Não paravas de puxar o cabelo.

— Foi? Nem me apercebi.

— Sim. É o que fazes quando ficas mesmo nervosa.

— Não sabia que tinhas reparado nisso.

Os olhos dele desceram até aos meus lábios por um momento enquanto ele dizia:

— Eu reparo em tudo acerca de ti.

A sentir-me a corar de repente, mudei de assunto.

— Não sabia que andavas com um canivete.

— Sempre. Sabes, para o caso de acontecer alguma coisa quando saímos. Tenho de ser capaz de te proteger.

O meu coração, que pouco antes batia descompassado por causa daqueles parvalhões, agora batia sem parar por uma razão completamente diferente.

— É melhor ir para casa.

— Está ali uma farmácia. E se fosses lá arranjar qualquer coisa? Pergunta-lhes se têm uma casa de banho que possas usar.

Entrei e usei o dinheiro que tinha reservado para jogar nas máquinas de videojogos do centro comercial para comprar um pacote de pensos grandes e umas cuecas baratas e largueironas. Logo atacaria os tampões quando tivesse tempo para perceber como se usavam.

Quando saí, o Justin tirou o casaco com capuz e passou-mo.

— Toma, amarra isto à cintura.

— Obrigada.

— Onde é que vamos agora? — perguntou-me.

— O que queres dizer? Tenho de ir para casa! Tenho as calças todas manchadas de sangue.

— Ninguém vê, com o meu casaco à volta.

— Continuo a não me sentir à vontade.

— Não quero mesmo ir para casa agora, Pala. Já sei para onde podemos ir... Não vamos encontrar ninguém conhecido. É um sítio onde às vezes vou sozinho. Anda.

O Justin levou-me pelos passeios de Providence. Ao fim de uns dez minutos, dobrámos uma esquina e aproximámo-nos de um edifício pequeno e vermelho. Olhei para a tabuleta iluminada.

— É um cinema?

— É. Passam filmes que ninguém conhece ou de que ninguém fala. E o melhor é que não querem saber que idade tens.

— São filmes maus?

— Não. Não são como aqueles filmes de gente nua que te disse que o meu pai vê. Não. Estes são só estrangeiros, com legendas e isso.

O Justin comprou dois bilhetes e um pacote de pipocas para partilharmos. O cinema tinha um cheiro bafiento e estava praticamente vazio, o que era perfeito, tendo em conta que eu não queria ver ninguém naquela noite. Apesar de os assentos estarem pegajosos, era mesmo daquilo que eu precisava.

O filme era francês e chamava-se *L'Amour Vrai*. A cinematografia era maravilhosa e o enredo era mais sério do que o das comédias a que costumávamos assistir. Mas foi perfeito. Não só por causa do que se passava no grande ecrã, mas também por causa de quem estava a meu lado. Encostei a cabeça ao ombro do Justin e dei graças por ter um amigo que sabia sempre exatamente o que eu precisava. Também sentia uma pontada de algo indistinto que me percorria, uma sensação crescente que acabaria por se identificar e que atingiria o auge pouco antes de eu ter fugido de tudo aquilo.

Aquele não foi o último filme independente a que eu e o Justin assistimos juntos no pequeno cinema vermelho. O lugar tornou-se o nosso poiso secreto durante os dois anos seguintes. Filmes indie passaram a ser a nossa onda. Indo lá, não éramos vistos no cinema grande, nem encontrávamos gente da escola. Aquele era um sítio onde podíamos escapar à realidade sem que nos observassem, um lugar onde podíamos estar juntos e perder-nos num mundo diferente ao mesmo tempo.

Na tarde seguinte, fiquei à escuta na minha janela enquanto o Justin tocava, sentado no alpendre da minha avó. Era uma canção nova que eu nunca o tinha ouvido tocar. Parecia a *I Touch Myself*⁴, dos Divinyls, mas ele tinha alterado a letra para *I Stab Myself*⁵.

Era impossível não o adorar.

⁴ «Eu toco-me.» [N. T.]

⁵ «Eu esfaqueio-me.» [N. T.]

*Partilhar casa com um homem atraente
é um sonho tornado realidade, certo?*

*Mas não quando ele é o único amor
da tua vida... e te odeia!*

Quando a minha avó morreu, herdei a sua bonita casa de férias em Rhode Island. Mas havia uma condição: teria de a partilhar com o Justin, o meu melhor amigo de infância. O mesmo rapaz a quem despedacei o coração quando éramos ainda adolescentes assustados.

Tinha esperanças de que o reencontro fosse acabar com os nossos desentendimentos, mas estava enganada! O Justin tinha-se tornado um homem bonito, talentoso e... com muita raiva reprimida. Tudo por minha culpa.

Obrigados a partilhar o mesmo espaço depois de tantos anos de separação, as discussões tornaram-se intensas e fogosas. Para piorar ainda mais as coisas, ele trouxe a namorada para casa e faz questão de a exhibir... alto e bom som!

Sei que ele quer vingar-se de mim, mas acredito que o rapaz que amei ainda se esconde atrás daquele sorriso.

*E a verdade? É que agora que não o posso ter
na minha vida, desejo-o cada vez mais...*

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-91-1



9 789898 917911

Romance Erótico